



Entrevista com o professor Selvino Assmann

Silvana de Gaspari

silvanadegaspari@gmail.com

Universidade Federal de Santa Catarina

O professor Selvino Assmann possui graduação em Filosofia pela Faculdade de Filosofia de Nossa Senhora Imaculada Conceição Viamão (RS, 1967), graduação em Teologia pela Pontifícia Università Gregoriana (Roma, 1970), mestrado em Teologia pela Pontifícia Università Gregoriana (Roma, 1971), mestrado em Filosofia pela Pontifícia Università Lateranense (Roma, 1973) e doutorado em Filosofia pela Pontifícia Università Lateranense (Roma, 1983). Desde 1976, é docente vinculado ao Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Santa Catarina, sendo docente titular desde 1992. Atuou durante vários anos no Mestrado em Educação, e depois no Mestrado e Doutorado em Filosofia. Desde 1995 dedica-se com maior intensidade ao Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas, curso do qual foi fundador, e coordenador e subcoordenador durante mais de dez anos. No campo dos estudos filosóficos, dedicou-se com maior ênfase à Filosofia da História (Hegel, por exemplo), e depois à Filosofia Política, e mais recentemente ao pensamento político contemporâneo, em temas como a biopolítica, a relação entre política, economia e teologia — e, por isso, pensadores como Max Weber, Walter Benjamin, Hannah Arendt, Michel Foucault, Giorgio Agamben. Interessa-se também por uma abordagem supradisciplinar dos objetos estudados. Há alguns anos é editor-chefe da Revista Internacional Interdisciplinar Interthesis. Em maio de 2015, foi aposentado por idade, continuando, porém, na atividade acadêmica como docente voluntário, incluindo nela a tarefa de tradutor.

Professor Selvino, é um grande prazer fazer esta entrevista com o senhor, principalmente para mim que conheço seu trabalho de tradutor. Nesse sentido, gostaria que o senhor nos falasse um pouco sobre sua trajetória no campo da tradução. Como e quando começou a estudar e praticar a tradução.

Minha experiência infantil já foi bilíngue: a primeira língua foi a alemã, ou melhor, um dialeto alemão, por estar vivendo numa comunidade rural no interior do Rio Grande do Sul, formada por famílias de origem alemã. Só aprendi de fato a língua portuguesa com minha ida à escola. Além disso, nestes primeiros anos de vida, à noite, já tinha curiosidade em “caçar” com o dial, programas radiofônicos no velho rádio a bateria, sobretudo em espanhol (nunca me esqueço da rádio El Mundo, de Buenos Aires), mas também em italiano, em alemão, em inglês. E esta curiosidade de aprender outras

línguas sempre me acompanhou durante os estudos escolares. Além das línguas citadas, estudei desde o primeiro ano do “ginásio” o francês, e, sobretudo, vários anos de latim e de grego clássico. Vale lembrar que, nos anos cinquenta e sessenta, o inglês ainda não merecia tanto a atenção quanto o francês... E, no segundo grau, também estudei um pouco o espanhol e o alemão. Depois, tive a oportunidade de continuar estudos universitários em Roma, mesmo que conhecesse pouco o italiano, língua que depois se tornaria, após treze anos de vida naquela cidade, muito familiar. Esta experiência de estudos na Europa também facilitou contato com as outras línguas e culturas antes citadas.

A primeira experiência como tradutor a tive ao trabalhar, nos anos setenta, na Cidade do Vaticano, como redator da edição portuguesa de *L'Osservatore Romano*. A tarefa, efetuada durante mais de cinco anos, incluía a tradução dos discursos do Papa (Paulo VI) e de documentos mais ou menos oficiais da Igreja Católica Romana.

Retornando ao Brasil, em 1976, ingressei como docente na Universidade Federal de Santa Catarina. Desde o início, dando-me conta do reduzido acesso às obras da tradição filosófica moderna e contemporânea, ia traduzindo por própria conta alguns textos que serviam de subsídios de estudo aos alunos do curso de filosofia e, depois, aos da Pós-graduação em Educação. Tratava-se, sobretudo, de textos de estudiosos italianos. Aliás, foi só nos anos setenta que começou a ser traduzida uma série de textos clássicos de filosofia (falo da publicação da coleção *Os Pensadores*, da Editora Abril). Estas traduções, em geral feitas por estudiosos de filosofia, certamente contribuíram em muito para que os cursos de filosofia abandonassem o uso de manuais tradicionais, e se lessem diretamente os textos dos pensadores, modificando significativamente a qualidade dos cursos de filosofia no país. Isso fez parte de um processo que chamaria de “iluminista” ou “modernizador” no ensino de filosofia: este deixou de estar marcado pela filosofia tradicional ou “cristã”, típico dos seminários e universidades católicas, passando a ter como foco de estudo os pensadores modernos e contemporâneos, sobretudo de origem francesa, e um pouco menos os filósofos modernos alemães e ingleses. Lembro também que nos cursos de filosofia no Brasil, praticamente não se lia a literatura filosófica italiana, com raras exceções (como as obras político-filosóficas de Antonio Gramsci e de Norberto Bobbio). Foi neste contexto que, pessoalmente, ao ensinar no curso de graduação de Filosofia e a partir da década de oitenta, nos cursos de mestrado de Educação, e, depois, no de Filosofia e, a partir dos anos noventa em cursos de doutorado em Filosofia e no Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas, dediquei parte do meu tempo em traduzir textos italianos, além de alguns franceses, inclusive por estar insatisfeito com as traduções já disponíveis.

Estas traduções inicialmente eram de uso restrito às disciplinas que eu lecionava. Mas, aos poucos, algumas traduções foram disponibilizadas em sítios eletrônicos e em algumas revistas acadêmicas (tornei-me, por exemplo, encarregado do setor Traduções da revista eletrônica *Interthesis*). Foi assim que recebi o convite de uma

editora universitária (Editora da UFMG) para traduzir uma das primeiras obras escritas por Giorgio Agamben. E, desde então, sou um dos tradutores brasileiros dos livros deste pensador italiano, e continuo traduzindo também artigos para revistas e para discentes dos cursos em que trabalho.

Sua área de atuação como tradutor está mais direcionada para traduções do italiano para o português e de obras de filosofia, certo? O senhor acredita que traduzir uma obra filosófica seja “mais difícil” que uma obra literária? Por quê?

Minha tarefa de tradutor de livros para editoras brasileiras até agora se restringe às obras de Giorgio Agamben, com exceção de um breve texto de Michel Foucault, cuja tradução portuguesa disponível não me agradava.

Não tenho experiência que me permita afirmar que traduzir um texto filosófico seja mais difícil do que traduzir outros textos. Creio que toda tradução enfrenta dificuldades. Em qualquer tradução se revelam o confronto e a composição entre o que se diz e a forma como se diz algo. Em qualquer tradução se põem as perguntas pela possibilidade da traduzibilidade, pela aproximação e distância entre as línguas, e pela relação entre a linguagem como tal e cada língua. Nunca me arrisquei a traduzir um poema. Parece-me que, nesse caso, mais ainda haveria que perguntar pela possibilidade de traduzibilidade de algo que vai para além da razão. Sempre me pareceu que para traduzir uma poesia era necessário também ser poeta.

Talvez exista, no ato de tradução, a necessidade de conseguir caminhar o caminho caminhado por quem chegou a escrever a poesia, a necessidade de uma certa revivescência do próprio ato criativo. Agamben diria que o que mais interessa é a potência enquanto potência, a experiência da potência, e não a obra, o texto que, de algum modo, é a morte do pensamento, assim como uma obra que está no museu corresponde à morte da arte como criação. Walter Benjamin, assinalando a “tonalidade sentimental” presente nas palavras, cita as traduções que o poeta Hölderlin fez de Sófocles, como exemplo “monstruoso” de uma literalidade que compromete o sentido. Todo texto e toda palavra merece, portanto, enorme respeito e rigorosa fidelidade. Talvez seja neste contexto que se pode situar o conhecido mote italiano: “*traduttore traditore*”.

Gostaria, no entanto, de dizer algo mais a respeito da minha preferência por traduzir textos filosóficos italianos. Não é só minha familiaridade com a cultura italiana e com a língua italiana que a justifica. Com tais familiaridades, fiquei convencido de que existe uma originalidade no modo de pensar e no que se pensa filosoficamente na Itália. Diria que existe, ao lado de uma “filosofia francesa”, de uma “filosofia alemã” ou “anglo-saxônica”, há algo como uma “filosofia italiana”. É algo parecido com isso que se vem discutindo nos últimos anos quando se fala de uma “Italian Theory”, que seria marcada, desde a modernidade até o século XXI, pela centralidade do conceito de vida. De qualquer modo, por mais que reconheçamos a importância da cultura

antiga e medieval construída no que depois se configurou como nação moderna chamada Itália, e por mais que saibamos que foi sobretudo a Itália da Renascença que concentrou, como talvez em nenhum outro lugar europeu aconteceu antes ou depois, a construção da arte, da ciência e da filosofia (Leonardo, Michelangelo, Galileu e Maquiavel são exemplo disso), também sabemos que a cultura e a filosofia modernas foram desenvolvidas sobretudo na França, na Inglaterra e na Alemanha. Tudo isso parece ter deixado a Itália e os italianos na sombra. Mas parece ter sido precisamente isso, a percepção de que a Itália não era o centro da criatividade artística e filosófica, que levou os italianos a lerem os autores modernos franceses, ingleses e alemães, ao lado dos clássicos antigos, e criando com esta leitura uma abordagem original da realidade humana e social. Talvez já o possamos dizer quando falamos de Giambattista Vico que, no século XVIII, lê Descartes, Hobbes, Locke, e o inspira para ler a história e fazer ciência de forma diferente, com seu “*verum ipsum factum*”. Creio que há —repito— uma filosofia original na Itália. E esta originalidade é pouco conhecida entre nós brasileiros. Dou como outro exemplo para justificar meu interesse em tornar a cultura filosófica italiana mais conhecida no Brasil a leitura diferente que os pensadores italianos fazem de Hegel, no confronto com as leituras e usos de Hegel feitas na França, nos Estados Unidos e na própria Alemanha. É por isso, e não só pela familiaridade que tenho com a língua italiana, que procuro contribuir um pouco para a presença da reflexão filosófica italiana na vida acadêmica brasileira.

Ainda nesse sentido, o senhor acredita que um tradutor deva ser um grande conhecedor do assunto que está traduzindo ou pode realizar uma boa tradução mesmo não sendo muito íntimo do tema?

Não tenho dúvidas de que a tarefa da tradução não é de mera competência técnica para transportar de uma língua para outra a forma e o sentido original. Se uma tradução quiser ser um meio para mostrar “o parentesco das línguas”, que ultrapassa “uma vaga semelhança entre cópia e original”, é imprescindível conhecer ou reconhecer o que está escrito. Por outras palavras, precisa-se de compreensão do que é dito numa língua para o apresentar como compreendido na outra língua. Por isso, traduzir pressupõe ou exige estudo do texto que se está traduzindo, e pressupõe familiaridade com a linguagem e com os conceitos que se usam. No caso da tradução de livros de Agamben, posso afirmar que a familiaridade que tenho com a trajetória teórica do autor, além daquela com a linguagem filosófica e teológica utilizada, me facilitou a tarefa da tradução. Creio que tudo isso pode ser observado facilmente em traduções que lemos, especialmente quando nos damos conta de algumas que traem sorradeira ou claramente o autor traduzido. Creio que devemos falar de responsabilidade ou irresponsabilidade moral, e não só de competência ou incompetência técnica. Certamente há bons motivos que levam autores a preferirem tais ou quais tradutores das próprias obras: prefere-se alguém envolvido com a filosofia para traduzir uma obra filosófica. Diria que se trata de revelar na língua para a qual se traduz o que levou o autor traduzido a escrever o que escreveu. Aliás, traduzir uma

obra contemporânea exige que se tenha em conta que os textos atuais tendem a revelar muito mais um pensamento que está sendo pensado do que um pensamento já definido e definitivo. Também por isso, o tradutor deve buscar uma intimidade não só com o texto, mas também certa intimidade com o autor ou autora traduzido.

Creio que poderia lembrar a afirmação de Nabokov, que fala dos defeitos (inclusive do tradutor como criminoso), e também das qualidades de um tradutor. E entre estas inclui, em primeiro lugar, a de ter um talento igual ou pelo menos do mesmo tipo daquele do autor que escolheu. Em segundo lugar, o tradutor deve conhecer a fundo as duas nações e as duas línguas em questão, tendo ciência também do contexto social, das palavras, da sua história; e, em terceiro lugar, além de ter competência e afinidade, deve ter o dom do mimetismo e saber interpretar, por assim dizer, o papel do verdadeiro autor, personificando comportamento e linguagem, os modos e a inteligência, no plano mais verossímil possível.

Se isso for verdadeiro, posso pelo menos dizer que tenho afinidades eletivas com o mesmo campo do conhecimento humano (filosofia, teologia, política), além de ter praticamente a mesma idade do autor traduzido, tendo vivido e vivendo como contemporâneo do mesmo mundo, preocupado como Agamben em entender o que está acontecendo; por outro lado, vivi treze anos em Roma, cidade natal do autor, o que me trouxe e traz sintonia maior com a língua e com a cultura do autor...

O senhor poderia discorrer sobre o processo de encomenda de uma tradução, desde o primeiro contato da editora até o processo de entrega da versão final por parte do tradutor e a publicação do texto já revisado?

No meu caso, o convite para a primeira tradução veio de forma surpreendente. Não sei de quem surgiu: se alguém sussurrou aos ouvidos dos editores que eu já traduzi textos do italiano, se alguém falou de meu interesse pelo estudo do autor (Giorgio Agamben), ou as duas coisas juntas. Feito o convite, e aceita a proposta inicial de fazer a tradução, houve conversa eletrônica sobre prazos para a realização da tarefa, sobre características técnicas do texto a entregar, e sobre o preço que iria ser pago pelo trabalho. Tudo concordado, assinei o contrato que me foi encaminhado. Antes de terminar a tarefa, efetuada no prazo estabelecido, houve algumas trocas de mensagem para esclarecer aspectos técnicos. Entregue o texto, em prazo razoável, foi feita a revisão da tradução. Com o texto revisto em mãos, algumas mudanças sugeridas para modificar minha tradução foram por mim aceitas, outras foram discutidas, e outras ainda não foram aceitas, mantendo-se a tradução inicialmente sugerida.

Em geral, não houve sobressaltos, a não ser em uma das traduções: quando se recorreu a outro tradutor das passagens latinas, a editora não me encaminhou as traduções feitas do latim para o português. Mesmo que o tradutor seja reconhecido no Brasil para traduzir textos latinos, este apenas se deteve na tradução, diria técnica, de cada uma das frases, isolando-as totalmente do contexto e do assunto do livro. E o

resultado foi um desastre, pois, neste caso, em várias passagens do livro, se fugiu totalmente ao que o autor (Agamben) queria assinalar usando passagens latinas. Para dizê-lo muito simplesmente: num caso, o conceito enfocado era o de “forma-de-vida”. O tradutor das passagens latinas traduzia, por exemplo, o termo latino *forma* (ou *vitae forma*) ignorando totalmente o fato de se estar discutindo o conceito de “forma-de-vida”, central na obra do autor, e traduzia o termo latino por “modo”, por “hábito”, a seu bel-prazer. Obviamente reclamei da editora por ter feito a publicação do livro sem me ter remetido a tradução dos textos latinos, incluída na tradução. Este exemplo também mostra porque não basta ter competência técnica para se fazer uma boa tradução.

De toda forma, a tramitação apenas descrita foi seguida pelas duas editoras. Uma tramitação idêntica ou parecida com a descrita aconteceu com as duas editoras no caso dos seis livros de Agamben que foram por mim traduzidos de 2007 até 2014, houve algumas exceções quanto à aceitação das revisões do que eu havia traduzido.

As traduções de artigos para revistas já não foram revistas...

Seria possível mapear o que mudou no processo de tradução com o aparecimento das novas tecnologias, como o computador e a Internet? A vida do tradutor ficou mais fácil com o advento de tais tecnologias?

Não tenho elementos para mapear as mudanças no processo de tradução com o uso de novas tecnologias por ter iniciado esta tarefa quando já se dispunha destes meios para traduzir. Posso, sim, lembrar que escrevi minha tese de doutorado, no início dos anos oitenta, sem computador, e sim com máquina elétrica de datilografia, e é óbvia a grande mudança que houve para que se vá e volte ao que já se registrou por escrito: então se impunha refazer páginas e páginas para incluir mudanças no trabalho já feito, e agora se precisa apenas introduzir a mudança na passagem desejada. Só isso já equivale a um ganho enorme de tempo, além de estimular mais os tradutores a melhorarem a qualidade de sua tradução.

Em sua opinião, hoje, no Brasil, é possível viver só do trabalho de tradutor?

Não tenho elementos para responder de maneira precisa a esta pergunta. Sei que há tradutores que se dedicam de forma mais exclusiva à tarefa. Certamente também há diferença no pagamento dos serviços de tradução. Tendo contato com duas editoras, já percebo a diferença nos valores pagos. Certamente devo dizer que se paga muito pouco por este serviço que os tradutores prestam. Também tenho clara consciência de que não faço traduções com o objetivo de lucro, mas — repito — para tornar acessível a um número maior de brasileiros textos — especialmente italianos — no campo das ciências humanas. Independente disso, sei que há um número cada vez maior de brasileiros que são tradutores de profissão, e que eles precisam, sim, lutar pelo reconhecimento também econômico da tarefa realizada.

O senhor teria uma ideia de onde se situa o Brasil em relação aos estudos da tradução no contexto da América Latina?

Não sendo estudioso de teorias e de história da tradução, mas apenas alguém que foi levado a traduzir alguns livros e que continua fazendo traduções para facilitar o acesso a uma literatura, particularmente filosófica escrita em outra língua, apenas posso dizer que sempre me chamou a atenção o fato de haver muito mais disponibilidade de obras traduzidas para o espanhol do que para o português. Desconfio também que as traduções para o espanhol saiam muitas vezes em tempos mais rápidos do que as traduções publicadas no Brasil, a não ser em casos de grandes obras de sucesso mundial. Mas vale ressaltar: tanto para os países de língua espanhola quanto para o Brasil, importa muito que o acesso às obras filosóficas clássicas ou contemporâneas seja facilitado cada vez mais para que seja incrementado maior diálogo dos pensadores latino-americanos entre si e com o resto do mundo. E isso mercê ser enfatizado para que os brasileiros não continuem de costas para os países de língua espanhola e de frente apenas para os países europeus e para o continente norte-americano. Está na hora de reconhecermos que também aqui, no Brasil, na América Latina, há uma obra importante e vária, que precisa ser traduzida para a Europa, para a África, para todos os continentes.

Qual é a sua opinião sobre a formação de tradutores no Brasil?

Meu contato mais específico com o que acontece academicamente para melhorar a formação de tradutores no país é a de um curioso que acompanha à distância o curso de Pós-graduação em Estudos da Tradução da UFSC e lê notícias relativas às traduções publicadas pelas editoras brasileiras. Mas penso que é a formação como tal, a *Bildung*, como diriam os alemães, o interesse por aprender outras línguas, a vontade de se comunicar com outras culturas, e, no caso específico das traduções de textos filosóficos, o desejo de pensar e de conhecer o modo de pensar dos outros que são fatores decisivos para uma boa tradução. Creio que, neste caso, se poderia repetir o que Giorgio Agamben escreveu acerca da importância da comunicação na experiência humana: mais importante do que aquilo que se comunica é “a comunicação da comunicabilidade”. Os seres humanos são tais enquanto reconhecem e experimentam aquele algo, sempre misterioso, mas sempre real, que têm e são em comum. E as boas traduções certamente facilitam esta comunicação, para além de toda diversidade cultural e de qualquer diferença política, econômica e religiosa.

Por isso, em toda tradução, existe uma espécie de sofrimento com a responsabilidade assumida pelo tradutor de que outros lerão o texto traduzido, como se fosse dito exatamente assim pelo autor traduzido. Um tradutor sempre viverá um dilema prático: sou fiel ou sou traidor do autor? Este dilema acompanha o prazer de habitar a língua do outro, de servir de intermediário entre o autor que escreve em língua não conhecida e pessoas da língua para a qual o texto é traduzido.

Quais são os desafios de se traduzir filosofia no Brasil?

Já me referi a isso em respostas anteriores. Não é eufemismo algum dizer que, por menor que seja o reconhecimento que as traduções tenham em valores econômicos, — reconhecimento que talvez já exista para alguns campos do saber — só resta torcer para que melhore a qualidade das traduções, para que aumente o número das boas traduções, e para que diminuam os plágios que são frequentes. E as traduções são importantes para que os brasileiros se tornem cada vez mais cosmopolitas, e, ao lerem o que outros povos expressam através de seus autores, percebam a própria singularidade enquanto são confrontados com outros modos de viver e de sentir, ou, então, diminuam a demonização ou o endeusamento de tudo que é estrangeiro.

Poderia diferenciar problemas e dificuldades de tradução? Quais são as principais dificuldades e problemas que o senhor encontra nas traduções?

Para mim, traduzir significa vestir as vestes de quem é traduzido, tentando assumir de algum modo, no lugar do autor, à semelhança do que um ator faz no teatro, a autoria do que se diz, embora consciente de que toda tradução é uma ousada e sempre impossível tentativa de superar diferenças culturais e de linguagem. Se for assim, não há como desconhecer que a tradução é uma tarefa impossível, pois toda autoria é, de certa forma, pessoal e intransferível, e todo texto tem seu sentido verdadeiro ou cabal unicamente na língua em que foi escrito. A fidelidade na tradução não pode (quase nunca) restituir completamente o sentido que tem no original, pois o sentido, conforme afirmou Benjamin, “não se esgota no que se quis dizer, mas, ao invés, obtém-na (a significação), através do modo como o que se quis dizer está unido, numa palavra determinada, ao modo de querer dizer¹”

Creio que se pode concordar também com Italo Calvino que insiste na dimensão moral do trabalho de tradução, e no fato de o tradutor assumir corajosamente uma responsabilidade de se anular para procurar recriar a palavra de outro de cuja obra o tradutor se torna uma espécie de embaixador. Ao mesmo tempo, ele assinala que, o ato de traduzir é uma arte relativa a uma passagem de um texto numa outra língua que requer “cada vez uma espécie de milagre”, por ser uma tentativa de “traduzir o intraduzível”, tentativa arriscada e cheia de “fios sutis como teias de aranha”.

E volto a chamar a atenção para a relação entre o autor e o texto, entre a palavra e o texto, entre o pensamento e o texto que apresenta o pensado, relação que deve ser tomada em consideração pelo tradutor. Não há como esquecer que todo texto também é incapaz de representar a experiência do autor: o texto sempre esconde a experiência do pensamento a partir do qual se tem tal texto, assim como toda obra de arte vela e revela a experiência criativa do artista. Neste contexto julgo extraordinárias duas

¹ (Benjamin, W. (n.d). *A tarefa do tradutor*, trad. portuguesa de Maria F. Molder. Disponível em: <http://www.c-e-m.org/wp-content/uploads/a-tarefa-do-tradutor.pdf>).

passagens da obra de Platão (na Carta VII e no Fédon) em que o autor diz que Sócrates é muito mais pensador, mais filósofo, do que ele, Platão. E o motivo é bem simples: “Eu —Platão— escrevi livros e Sócrates nada escreveu!” Por isso Sócrates é mais pensador, por não ter fixado nada como pensado, como resultado do pensamento. Para este, mais importante do que a obra, o escrito, é a experiência do pensamento. Como traduzir a experiência do pensamento de alguém? Neste caso, nem se trata apenas da traduzibilidade de uma língua para outra, mas da traduzibilidade da experiência de linguagem como tal, da (ir)repetibilidade de uma experiência humana.

Entrevista concedida pelo professor Selvino Assmann (UFSC) a Silvana de Gaspari (UFSC), agosto 2015.